



Alexandre e a sócia Isabela: "Estou tendo que entrar no cheque especial"

VENDAS 16% MENORES EM BRASÍLIA

Andréia de Abreu
Especial para o **Correio**

A desvalorização do real e o aumento dos juros afetaram as vendas do comércio no Distrito Federal. Em janeiro, elas caíram 16%, em comparação com o mesmo período de 1998. A queda foi identificada em pesquisa feita entre 15 e 23 de janeiro pelo Sindicato do Comércio Varejista do DF (Sindivarejista) com 138 estabelecimentos comerciais de diversos segmentos localizados em shoppings.

"As pessoas temem a recessão, por isso estão se organizando, poupando mais. Deixam de lado o supérfluo e passam a comprar apenas o básico", diz o presidente do Sindivarejista, Wlanir Santana. Os juros altos também se refletem no cartão de crédito e nos cheques especiais, o que afasta ainda mais o consumidor.

Os donos da loja Atelier da Criança, Alexandre Isaac Freire e Isabela Viotti Freire, estão preocupados com o baixo movimento. "Temos a loja há cinco anos e nunca tivemos

uma baixa tão grande nas vendas como a do mês passado", conta Alexandre, que também é presidente da Associação dos Lojistas do Shopping Liberty Mall. Segundo ele, as vendas de 1998 foram 25% menores que as de 1997. "Se as coisas continuarem como estão, as vendas neste ano serão 50% piores em relação ao ano passado", completa.

A loja de Alexandre trabalha com artigos infantis, nacionais e importados. Com a desvalorização do real, não será mais possível trabalhar com produtos importados. "Não vale a pena", diz o comerciante. Ele já fez os pedidos para o inverno e diz que as mercadorias (nacionais) estão vindo 15% mais caras. "Sem falar que os fornecedores estão incluindo uma cláusula no contrato dizendo que, se a inflação for superior a 5% entre março a junho (período do contrato), será repassada ao preço dos produtos."

Alexandre espera que o governo tome medidas sensatas, porque, segundo ele, as tomadas até agora foram desastrosas. "Não sabemos se há uma luz no final do túnel, mas se

houver é melhor que o governo se apresse. Nunca pedi empréstimo para bancos, mas estou tendo de entrar no cheque especial."

INSEGURANÇA

O presidente da Associação Comercial do DF, Lindberg Cury, admite que houve queda nas vendas. Para ele, a insegurança econômica sempre se reflete no comércio. "O consumidor passa a se precaver mais, a adiar algumas compras, porque não pode prever o que vai acontecer amanhã. O único setor que consegue manter as vendas nesse momento é o alimentício, que atende às necessidades básicas da população", diz.

A crise prejudica o movimento nas 53 mil lojas do DF, onde trabalham 160 mil comerciários, mas, segundo Wlanir Santana, não chegou a causar demissões em massa. "Não registramos, por enquanto, demissões no comércio de Brasília, embora não tenha sido feita uma pesquisa específica sobre o assunto. Os lojistas estão conseguindo segurar seus empregados, mas, se a queda

continuar neste mês, provavelmente, haverá muitas demissões", afirma o presidente do Sindivarejista.

Dono de seis lojas Arezzo e de três Levi's, Oscar Nogueira diz que, além da queda nas vendas de 18% nas suas lojas, foi obrigado a reduzir o quadro de funcionários, demitindo dez pessoas. "O comércio está fragilizado e, caso a situação não melhore, não sei como ele vai aguentar mais três meses."

Wlanir Santana lembra que nos primeiros 15 dias de janeiro a queda nas vendas em outras capitais oscilou entre 24% a 31%. Por isso, acredita que os 16% registrados na capital federal não são tão dramáticos. "A venda de material escolar ajudou a segurar o índice na faixa dos 16%", explica.

Mesmo havendo uma queda de vendas em vários setores do comércio, as lojas de material escolar conseguiram superar as expectativas. "Prevíamos aumentar em 5% as vendas com a volta às aulas, mas superamos essa marca. Chegamos a 9,8%", diz José Eustáquio Elias, dono da papelaria ABC.